

APRESENTAÇÃO PRESENTATION

Uma obra não se torna artística por estar num local de preservação. Os motivos dos que tinham poder de decidir podem ser semelhantes ou bem diversos dos receptores beneficiados. Eles variam com a transfiguração histórica e política. Há, portanto, uma politização inerente à produção, preservação, circulação e interpretação da arte.

O que tem se passado neste mês atual, novembro de 2025? O que será mais determinante do vindouro? A sensação que se tem é que a história nele se acelerou, dentro e fora do país. No Brasil, pela primeira vez altos oficiais das forças armadas foram condenados e presos por crimes contra a democracia, algo que quase não se acreditava que iria se concretizar. Foi feito o encontro da COPPE 30 em Belém do Pará e, por outro lado, o Congresso, dominado por representantes do latifúndio, derrubou vetos contrários à destruição do meio ambiente. O judiciário brasileiro vem sendo ameaçado pelo presidente americano, numa clara interferência na soberania nacional.

Fora do Brasil, houve um cessar-fogo, ao menos provisório, na região de Gaza, suspendendo o genocídio de palestinos por militares de Israel, enquanto a Guerra da Ucrânia se aproxima do seu término. No entanto, o governo dos EEUU enviou navios de guerra para o Caribe, atacando barcos a pretextos não comprovados e ameaçando invadir a Venezuela e impor mudança de regime de governo. Nesse espectro, o Japão, com a primeira mulher no cargo de primeira-ministra, tenta ressuscitar suas antigas invasões da China. A extrema-direita tem progredido na Europa, enquanto na África vários países ampliam sua luta anticolonial.

O processo de transição do mundo unilateral controlado pelos EEUU para um mundo multipolar há de levar a uma revisão radical do que tem sido ensinado no país. A *Estética* de Hegel, como nos foi transmitida, faz um recorte geográfico da história da arte: Egito – Grécia – Roma – România. É uma visão eurocêntrica, para propor que a arte seria superada pela ciência. Isso não pode mais ser simplesmente

repetido, como costumava ocorrer. Precisa ser problematizado, mas é apenas um exemplo.

A universidade tem evitado pensar mais a fundo. Não percebe como propostas identitárias têm servido para esconder questões, desviar o foco da atenção. A qualidade de uma obra de arte ou teórica não deriva do gênero, da religião, da cor da pele ou da opção sexual de seu autor, mas já se pode supor que, quando se apela para isso, já se tem aí um sintoma de que a obra não é tão boa quanto se pretende. Impede-se que se pense e se debata algo como a diferença entre o princípio da igualdade e a igualação do diferente.

Quando se olha com cuidado para uma vela acesa, percebe-se que o seu centro luminoso é escuro, como se a luz brotasse da escuridão. Quando se olha um olho, vê-se que a pupila é negra, como se a escuridão propiciasse a visão. Em ambos os casos, é o escuro que propicia a luz e sua percepção. Ele é a condição fundante do seu contrário. Trata-se, portanto, de algo complementar.

Platão, no livro VI da *República*, havia chamado a atenção para o fato de que não basta ter uma coisa a ser vista e um olho que funcione para que se tenha a visão do objeto. É preciso, diz ele, haver um terceiro elemento: a luz. A realidade é mais complexa. A vista, para funcionar, precisa ter nervo ótico, neurônios, circulação sanguínea, vontade de ver. Há cegueira psicológica, que nega ter visto o que viu.

Platão poderia ter estendido a argumentação para os demais sentidos, mas restringiu-se à visão. No início da obra, ele havia proposto a contraposição entre geocentrismo e heliocentrismo como diferença entre visão errônea e visão correta, entre falso e verdadeiro. Era uma teoria egípcia, em que o sol é base das religiões monoteístas. A doutrina heliocêntrica é, porém, tão errada quanto a geocêntrica, então base das crenças teológicas gregas. O sistema solar é um sistema mutante, entre outros sistemas. Não há centro em espaços infinitos.

A *Bíblia* se refere à contraposição de escuridão e luz como referência a tempos obscuros e vitória da fé, ao escuro como fonte da luz. A salvação parece estar sempre em ver, mas aí crê estar vendo quem crê que aquilo em que ele crê esteja sendo triunfante. A referência à sarça ardente vive de um paradoxo, em que há fogo que não consome a matéria da qual provém. É como se algo obscuro, ignoto aos demais, fosse a promessa de percepção.

É fácil a esparrela de achar que aquilo em que se acredita seja por isso logo o certo, enquanto outros pensares são errôneos. É uma vontade de poder que aí se esconde. Vale o que eu penso; não vale o que eu não disse. O livro é bom se nele sou citado; não presta, se me esqueceram. O problema é que a vontade não determina a verdade, pois seria fazer desta expressão do sujeito e não a manifestação do objeto. O capitalismo continua seu processo de concentração de renda, que faz com que a minoria rica exija ter mais poder: leva à sabotagem da democracia pela plutocracia. Discute-se se o modo soviético de produção foi capitalismo de Estado e se o modelo chinês, o mais eficaz dos modos atuais, também seria uma forma de capitalismo, já que, segundo Marx, nenhum modo de produção desaparece sem que tenha esgotado suas alternativas. A plutocracia autoritária e a tentativa de manter o domínio mundial do dólar, num mundo globalizado e com tecnologias que facilitam a comunicação, acabam levando a in-

tenso processos de manipulação sógnica.

A existência humana envolve convivência com outros, estar no mundo e ser finito. Democracia não é igualdade no sentido de igualação às custas das diferenças, mas oportunidade para todos poderem desenvolver seus potenciais e suas diferenciações. Para isso é preciso ter paz para construir. A guerra leva à destruição de pessoas, coisas construídas, entes da natureza, paisagens.

Para manter os privilégios de 1% da população rica, gera-se uma guerra semiótica e hermenêutica, tratando de manipular a maioria para que aceite ser explorada. O espaço público se torna espaço de uma guerra de símbolos e versões, tanto mais eficientes quanto mais inconscientes forem. A obra de arte se torna espaço de uma batalha hermenêutica, em que se produzem iluminações para escamotear dimensões mais fundamentais dos objetos. Quanto mais relevantes forem, tanto mais se faz de conta que a escuridão é luz, para que as luzes não apareçam.

Brasília, novembro de 2025

Aline Zim
Carolina Borges
Fernando Fuão
Flávio R. Kothe